**Fraudes são ponta de iceberg que se começa a enxergar**

*Marcelo Leite*

Acontece nas melhores famílias -de primatas e de cientistas. Estrelas de grandes universidades, como Harvard, não podem parar de pedalar. Se o fazem, publicam menos, atraem menos a atenção de jornalistas, e financiamentos fartos secam.

Marc Hauser não é o primeiro. Não será o último.

É mais comum a acusação recair sobre uma estrela de segunda grandeza. Foi o caso da brasileira Theresa Imani-shi-Kari, nos anos 1980.

Depois de um estudo inovador de imunologia com o Nobel David Baltimore, uma estudante denunciou falhas nos dados da brasileira. O Congresso dos EUA e o FBI entraram na investigação. A sua carreira estagnou. Tempos depois, foi inocentada. Não se comprovou malícia.

O caso é narrado num bom livro de Daniel Kevles, "O Caso Baltimore". Havia certa histeria no Congresso com suposta avalanche de fraudes com verba pública na ciência. Com o tempo, o interesse de deputados em busca de notoriedade arrefeceu.

A ironia é que, enquanto o assunto saía da agenda nos EUA, fraudes provavelmente se multiplicavam no mundo. Essa tese está no livro "A Grande Traição", do historiador Horace Freeland Judson.

Da fusão fria de Fleischmann e Pons (1989) aos clones humanos do sul-coreano Woo-Suk Hwang (2005), falcatruas estão em alta.

Na quarta, esta Folha noticiou que o número anual de denúncias de fraude científica aumentou 161% nos EUA em 16 anos, de 86 para 217. Já aconteceram dois congressos mundiais sobre o tema.

É a ponta de um iceberg que se começa a enxergar, inclusive no Brasil. Houve pelo menos dois casos rumorosos, ambos na USP. Que mais estudantes corajosos denunciem os traidores.

**Fonte: Folha de S.Paulo, São Paulo, 21 ago. 2010, Primeiro Caderno, p. A23.**